

Guerreiro quer tratamento político para a dívida

Elson Soares

O chanceler Saraiva Guerreiro defendeu ontem um tratamento político para a questão da dívida externa dos países do Terceiro Mundo, salientando que o débito "representa um obstáculo significativo ao caminho de uma forte e prolongada recuperação econômica do Brasil".

Durante palestra feita na Confederação Nacional do Comércio, onde foi condecorado com a Grã-Cruz do Mérito Comercial, Saraiva Guerreiro disse que "as opções que se colocarão diante do país, daqui para frente, serão opções políticas entre esquemas de transferência de recursos que determinem maiores ou menores possibilidades de crescimento". Ele fez também vigorosa crítica à política protecionista colocada em prática pelas nações desenvolvidas.

Ao falar sobre a grave crise econômica internacional, o chanceler declarou que "ela não pode ser simplesmente reduzida a uma crise financeira. Não podemos perder a perspectiva de que comércio e finanças são dois lados de uma mesma moeda, o que significa dizer que soluções tópicas no campo financeiro não vingarão se não forem acompanhadas de medidas eficazes e construtivas na esfera comercial. Assim, o encaminhamento satisfatório da questão do endividamento externo exige uma reversão de tendências das taxas de juros, mas pressupõe, igualmente, o abandono de práticas protecionistas nos países desenvolvidos".

A constante elevação das taxas de juros praticadas no mercado internacional foi outro tema abordado por Saraiva Guerreiro. Para ele, "os acréscimos nessas taxas não só oneram o serviço da dívida como também têm transformado em exportadores líquidos de capital muitas nações em desenvolvimento. De acordo com cálculos da Cepal, a América Latina, que deveria importar capital para financiar o desenvolvimento, estaria sofrendo evasões líquidas que montariam a 20 bilhões de dólares por ano. Esta é, na realidade, a situação pouco confortável em que se encontra o Brasil".

Depois de ressaltar que a questão do protecionismo "é uma das preocupações centrais da atuação da diplomacia brasileira", o titular do Itamaraty acentuou que "cálculos preliminares revelam que mais de 50 por cento das exportações brasileiras para mercados como o norte-americano e o da CCE encontram-se sob alguma forma de investigação ou restrição. Deve ser lembrado que mesmo o simples anúncio de possibilidade de investigação visando à imposição de direitos compensatórios ou anti-dumping já exerce função nefasta nas correntes de comércio. O importador no país industrializado, quase sempre deixa de adquirir o produto que esteja potencialmente ameaçado por novas barreiras".

Na sequência de suas críticas ao protecionismo, Saraiva Guerreiro disse que "a irracionalidade dos mecanismos protecionistas se torna mais evidente quando países como o Brasil se vêem às voltas com pesados compromissos financeiros. O vínculo entre comércio e finanças não deve ser reconhecido como apenas conceitual; trata-se de algo a ser traduzido em ações práticas destinadas a permitir que países como o nosso possam superar seus problemas de endividamento com base em seus próprios esforços no intercâmbio internacional".

O chanceler rejeitou a argumentação apresentada por alguns países que procuram justificar a adoção de medidas protecionistas como uma forma natural de enfrentar a recessão que também atinge suas economias. A propósito, ele declarou que "o atual avanço das pressões protecionistas não pode ser justificado pela recessão nos países industrializados. Na verdade, esse protecionismo precedeu em muitos setores a atual recessão e provavelmente sobreviverá à recuperação econômica que agora pode ser vislumbrada em algumas nações desenvolvidas".

Saraiva Guerreiro aproveitou a oportunidade, e a presença de uma seleta plateia de dirigentes empresariais para rebater as críticas que lhe são feitas por alguns setores da sociedade brasileira que o vêm implantando no Itamaraty uma política "terceiro-mundista".



Guerreiro reclamou do protecionismo dos países ricos